ANNO 7.º — Sexta-feira, 29 de Maio de 1914 — NUMERO 324

O DEMOCRATA

Semanário Republicano Radical de Aveiro

Director e editor---ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões

(AVENÇA)

COMO SE CONFUNDE UM MONSTRO

Cunha e Costa e o ex-rei de Portugal

PALAVRAS DE ONTEM: --- "Quem ha aí, tão apoucado de mente e tão despido de seriedade, que venha romper lanças por esse pobre infante, bonachão e patusco, que nunca fez mal a ninguem mas cuja mentalidade nunca foi além do --- Minha menina! --- com que em caprichosa caligrafia principiava as suas cartas ás raparigas da vid'airada?!,,

Aos republicanos. Aos monarquicos. Aos portuguêses.

A'queles que de Cunha e Costa não conheçam senão superficialmente as suas variantes politicas

D. MANUEL

Não tenho a honra de conhecer pessoalmente o Senhor D. Manuel nem os serviços que, servindo a causa monarquica, indirectamente lhe presto, reclamam esse conhecimento. Não me é, porém, indiferente a pessoa do soberano, por isso que á restauração da monarquia não é indiferente que o soberano seja bom ou mau, capaz ou incapaz. Quer isto dizer que a seu respeito abri tambem o meu inquerito e formei a minha opinião. Essa opinião não lhe é desfavoravel: muito pelo contrario me parece que se ha pessoa vitima do boato inane e da afirmação gratuita esse é o Sr. D. Manuel.

Claro está que o objecto desse inquerito não foi o de estabelecer paralelo ou pôr em concorrencia o Senhor D. Manuel com o Senhor D. Miguel. Esse assunto tão complexo e delicado, tenciono estuda-lo e resolve-lo nas primeiras *ferias grandes... depois da restauração.* Até lá, nem sequer me preocupa, tanto mais quanto no velho partido miguelista conto hoje amigos que o *são* de toda a gente de bem pela sua probidade pessoal acima de toda a suspeita e pela rara constancia com que na constante adversidade teem sabido manter a sua fé politica.

Porém, a força imanente das cousas, factor com que é preciso contar nas mais engenhosas combinações da politica, a cada passo põe em fóco o Senhor D. Manuel, obrigando a intervir aqueles que na restauração da monarquia vêem uma condição de *salvação publica.* Com ou sem argumentos que duvida não façam, muitos portuguêses vêem no Senhor D. Manuel o Rei da monarquia restaurada, o futuro Rei de Portugal. Ora o *sentimento publico* é no xadrez da politica uma pedra como outra qualquer; é um *facto;* na politica portuguêsa bem póde até dizer-se que *é tudo.* A republica sucumbe, principalmente, *por falta de base sentimental*, ou melhor, por a cada passo magoar o sentimento publico no que este tem de mais sensivel. Portugal é um país onde até os juizes do Supremo Tribunal julgam, não raro, pelo coração e onde a propria aritmetica para ser aceita, precisa, de ser embrulhada em flores de retorica. Creio mesmo que o nosso povo só consegue aprender a somar porque a disposição das respectivas parcelas lembra, de longe, a metrificação do fado.

* * *

Ora do inquerito a que procedi concluo que **o joven Rei é do melhor folhado regio que a ultima dinastia nos forneceu.** Principio por pôr de parte a inverosimil arguição de cobardia que por aí correu mundo e a que toda a gente sensata liga hoje o mesmo credito que desde muitos mezes se liga ás supostas malversações monarquicas. Afinal, de todos os rigorosos inqueritos que a republica abriu ás cousas e pessoas monarquicas, o que se apurou foi que nalguns não convinha proseguir... por enxovalharem republicanos. Outro tanto acontece com a insinuação á regia cobardia. Não resiste ao mais leve piparote do bom senso. De resto, o simples argumento *estatistico* mata a aleivosia. *Quando oito mil cento e quarenta homens de tropas fieis* se deixam vencer, sem combate, por alguns centos de revoltosos, melhor sería deixar o Rei em paz. Não pretendo com este breve comentario significar que o Senhor D. Manuel é um heroe de romance, irmão colaço de Nun'Alvares, de Gonçalo Mendes da Maia ou de Afonso de Albuquerque. E', como a grande maioria dos Braganças, como seu pae, por exemplo, capaz de fazer *por brio* aquilo que outros fazem por natural arremesso. Ha quem prefira esta classe de valentes. Não vou muito longe desta opinião.

Preocupam-me, principalmente, num Rei, as qualidades *medias*, as que reflectindo os interesses comuns á grande maioria dos portuguêses os pódem servir e orientar. A esse grupo pertencem a *probidade pessoal*, a *curiosidade mental*, o *amor pelas pessoas a governar e pelas cousas a administrar*. Ora, sob estes aspectos, o Senhor D. Manuel é da melhor louça dinastica. A probidade pessoal do Rei é um sentimento a que toda a Europa presta respeito. E' um perfeito homem de bem, com uma noção muito clara e escrupulosa do *meu* e do *teu*. Vezes sem conta a ouvi em Londres e Paris apregoar como um artigo de fé.

E a sua curiosidade mental não é inferior á sua probidade pessoal. Que a unica preocupação do Senhor D. Manuel, ao subir ao trôno, foi a de bem preparar-se para o oficio de reinar, não resta a menor duvida. Estão aí vivas as competencias a quem recorreu e que por serem, na sua grande maioria, estranhas á classe dos profissionais da politica denunciam, no joven soberano, **um critério pouco vulgar em tão verdes anos.** Não cito nomes: para quê? São dos mais ilustres do nosso meio intelectual, profissional e social.

* * *

A sua curiosidade mental, hoje largamente desenvolvida pelo exilio, sempre proprio á reflexão e ao estudo, foi invariavelmente orientada no sentido de bem servir o seu país. Foi o Senhor D. Manuel quem, á sua custa, mandou vir Léon Poinsard, esse *reaccionario* (como lhe chama o sr. dr. Afonso Costa, que nunca o leu) ainda ha pouco convidado pela *reaccionaria* republica dos Estados Unidos a solver a importante questão aduaneira. Foi ainda o Senhor D. Manuel quem cometeu a uma pleiade de especialistas o estudo dos mais palpitantes problemas da politica e da economia nacional, entre os quais os da instrucção primaria, secundaria e superior, o da educação em todos os graus, o da irrigação, o do fomento colonial. Foi ainda ele quem chegou a contratar do seu bolsinho particular os engenheiros que *sur place* haveriam de estudar o modo de regularisar a circulação da agua, que sangue é, nas nossas campinas do Ribatejo. E tudo isso estava gizado, pronto a ser entregue aos corpos deliberativo e executivo da monarquia e da Nação, quando a aventura feliz de 5 de outubro veiu abolir a monarquia e a realeza.

Poucos soberanos, portanto, teremos tido tão bem equilibrados como o Senhor D. Manuel. Bem servido e bem aconselhado quer-me parecer que será um excelente Rei. As qualidades que porventura lhe faltam para atraír as multidões seríam noutro povo defeitos. Acusam-no de reservado e frio; de pouco expansivo e falador. E' cérto que um soberano latino precisa de ser um pouco comediante, mas como exigir que sobre esse bom filho e bom irmão, rei por força da mais horrenda tragedia dos tempos modernos, não peze implacavelmente a mais implacavel melancolia?

Aqui teem os leitores de *O Día* a opinião que pessoalmente fórmo do Senhor D. Manuel e que é de uso aproveitar para, de cabeleira de rabicho e em voz gràve, discretear sobre a funcção da realeza e dos reis nas sociedades modernas. Não tenham medo, que não caírei nessa. Dessa os livrarei eu!

* * *

O Rei terá o seu Conselho de Estado, cujas funcções, no meu fraco entender, será preciso reforçar de modo a que parte dos assuntos, mais tecnicos que palavrosos, hoje entregues ao parlamento, para aquela competencia passem. Foi assim que o primeiro imperio levantou a França, só assim poderá levantar-se um país de setenta por cento de analfabetos. A esses conselheiros pertencerá aconselhar o Rei, sem melindre para a pessoa e, sobretudo, para a alta funcção que este representa. Conselhos avulsos, do alto de uma tribuna onde o Rei nem sequer poderia defender-se, amesquinham a dignidade real aos olhos das multidões para as quais o soberano deve ser simbolicamente perfeito e intangivel. Uma monarquia nova deverá ter por base o prestigio do soberano. Não é o *fortalecimento do poder real, é o fortalecimento do prestigio real*, o que faz a sua diferença. O que principalmente aluïu a monarquia foi a fraqueza dos responsaveis pelo prestigio da instituição e prestigio pessoal do seu chefe. Discutia-se o Rei, discutia-se a Rainha, discutia-se a côrte, até nos actos mais triviais da sua vida privada. Um rei catolico não podia ir á missa, a pobre mãe não podia comungar, sem que a troça e o escarneo glosassem impunemente actos respeitaveis e até inherentes á magestade do poder que representavam. E o incrivel desleixo, o desleixo suicida dos responsaveis pela conservação e prestigio das instituições ia até ao ponto de esquecerem que nos povos iletrados a magestade do seu supremo representante é um resplendor que, apagado, deixa a descoberto o *homem* que todo rei é, com todas as fraquezas inherentes á especie a que pertence.

Eis porque não dou, nem darei conselhos. A salvação da Patria, de que todos somos filhos, depende do regresso a uma monarquia que para as multidões represente a *tradição* nacional, simultaneamente apoiada na Cruz, na Espada e na Toga. Deste triplice apoio resultará para todas as classes da sociedade portuguêsa a *disciplina*, sem a qual não haverá ordem nem progresso num país onde ninguem sabe o que quer, e onde a *vontade* colectiva foi substituida por mil *vontadinhas* individuais.

* * *

A obediencia terá de ser a condição da monarquia nova. A *obediencia livremente consentida* é uma virtude excelsa. A *obediencia*—não me cançarei de o repetir—*é a mais nobre afirmação do livre arbitrio.* Traçado um ideal de salvação publica, é preciso obedecer-lhe. E' preciso que na familia os filhos obedeçam aos paes; que nas escolas os discipulos obedeçam aos mestres; que em todas as profissões e hierarquias os inferiores obedeçam aos superiores; que os soldados obedeçam aos seus oficiaes, sargentos e cabos; que os catolicos obedeçam ao seu prelado; que um juiz seja um juiz, que um general seja um general, que um bispo seja um bispo, e que todos, mas *todos*, obedeçam á monarquia e ao Rei, como simbolos que são, da tradição nacional.

Em oito seculos *nada inventámos;* a nossa funcção foi *descobrir, conquistar, povoar.* Com reis, fidalgos, padres e povo obediente descobrimos, conquistámos, povoámos. E' a nossa *tradição*. Dela vivemos, por via dela disfructamos ainda alguma consideração no mundo. O regimen republicano não se adapta nem ao nosso modo de nascer nem de crescer. Somos um povo sentimental, mistico, lirico, amando a grandeza, o penacho, a condecoração, os uniformes vistosos, o som do clarim, a ponta de heroismo e de bravata. Somos orgulhosos e vaidosos, barulhentos e expansivos. Somos atenienses, não espartanos. Somos do país do céu azul e do vinho generoso. Somos tão pouco democratas que o democrata logo arma em tirano, de chapéu alto e luvas, ou então, para cobrir a mercadoria, de tirano de fato e chapeu sebentos, mas sempre tirano. E para encurtar razões e ainda quando o Senhor D. Manuel não fosse o que realmente é: entre um rei das hervas que sem titulo me brutalisa e um rei cujo arbitrio entronca no Condestavel, *per Dio*, antes o ultimo.

(De **O Dia,** de 19 de Maio de 1914)

Cunha e Costa

A CONSPIRAÇÃO

Estamos sem imprensa politica e tambem a não temos noticiosa. Quem tiver a veleidade de saber pelos jornaes o que se passa, dentro ou fóra do país, perde o tempo e tambem perde o latim se o houver aprendido. Onde está Paiva Couceiro? De que forças dispõe? Constitue ou não uma ameaça séria para a Republica? Ignoro, e tambem não posso afirmar se o govêrno está mais adiantado do que eu!

Nestas condições o unico caminho que resta ao jornalista é o do palpite. Acredito muito em palpites. A politica, em Portugal e desde a morte de Fontes, foi sempre uma sucursal da loteria da Misericordia. Umas vezes *calha*, outras *não calha*, e no fim bate invariavelmente cérto. E o que se dá com a politica reproduz-se na sociedade e ocorre no proprio lar. Napoles e Lisboa estão ambas á beira do mar, banhadas pelo mesmo sol, toucadas pelo mesmo azul e lá, como cá, é a Providencia quem descalça a bota na hora dos grandes apertos e dos grandes calos.

Ora o que o palpite me diz é que o projecto Paiva Couceiro está condenado a um malogro cérto se porventura (o que me parece muito problematico) aquele caudilho insistir em dar-lhe começo de execução. Não sou dos que o supõem um cobarde. Todas as informações imparciais concordam em confirmar a reputação do valente militar e perfeito homem de bem, embora as opiniões se dividam profundamente quanto ao seu tino politico e ao seu senso prático. Julgo-o, porém, a primeira victima dum vasto lôgro tramado em volta dele e de alguns, muito poucos, companheiros que na conjuntura estão de bôa fé. Substancialmente a conspiração Paiva Couceiro tem sido para muita gente um negocio da China e para outra tanta uma criminosa espoliação.

Uma Republica, mesmo levada aos trambulhões como a nossa, mantem sempre uma indefinida esperança na selecção dos melhores pelo proprio jogo do regimen. Numa Republica, fórma politica de renovação constante, tolera-se muita tolice e muita iniquidade com os olhos fitos no inevitavel posto que ás vezes é demorada reparação. Num regimem de que *toda a gente* participa é impossivel que, mais tarde ou mais cêdo, de *toda a gente* não sáia um grupo de homens apto a substituir com vantagem a panelinha dos tolos ou o bando dos perversos. Já na monarquia não é assim. **Num país em que ela caíu de pôdre sobre uma dupla questão moral, de dinheiro e de desdem,** uma restauração precisa evidentemente de pôr á sua frente, como candidato á suprema função do Estado, um simbolo que aos proprios partidarios alente e aos indiferentes convença e mobilise. Onde tem Paiva Couceiro esse simbolo? Nun'Alvares que ele fosse, onde está o Mestre de Avis, e que Aljubarrota póde ele tentar com as algibeiras rotas que a cubiça agrupa em volta da sua espada e da sua fé?! Quem ha aí, entre os poucos nostalgicos do antigo regimen, capaz de dar **desinteressada e convictamente** o seu sangue por esse pobre D. Manuel, que o destino fez rei sem nunca o ter feito um homem? **Quem ha aí, tão apoucado da mente e tão despido de seriedade, que venha romper lanças por esse pobre infante, bonachão e patusco, que nunca fez mal a ninguem, é cérto, mas cuja mentalidade nunca foi além do** *—Minha menina!*—**com que em caprichosa caligrafia principiava as suas cartas ás raparigas da vid'airada?!** E se nenhum deles é o heroe, o santo e o genio que o caso pedíría, quem será então o *melro branco?!* Um principe alemão?! E porque não o da *Viuva alegre?!*

E' nestes termos que essa gente, **na sua maior parte mercenária,** terá de bater-se com as forças da Republica. Apezar de tudo não são tão poucas como alguns imaginam. Na força publica haverá talvez defecções, mas poucas e, em regra, de má qualidade. Quanto a essa *carbonaria*, cuja intervenção na administração do Estado tenho verberado com veemencia, pelo principio de *cada um para o que nasceu*, **cérto é que o regimen tem nela entusiasticos defensores, dispostos a todos os sacrificios e constituindo uma falange respeitavel.**

Não creio, pois, no exito Paiva Couceiro, ainda que ele possa vir a ter começo de execução; e, no entanto, ninguem mais do que eu deplora a falta dum grupo conservador, numeroso e capaz, **sincéramente convertido á Republica.** Todos esses esforços dispersos, toda essa gente inutilisada, todo esse dinheiro gasto, bem melhor empregados teríam sido em coadjuvar, **dentro da Republica,** a resistencia legal ás fantasias e aos desmandos da demagogia. Assim, o unico efeito tangivel da conspiração contra o existente tem sido o de ligar todos os republicanos, até aqueles que mutuamente se entendem como o azeite se entende com o vinagre.

Lisboa, 19 de Junho de 1911.

Cunha e Costa

A divida publica

e as trapalhices dum periodico monarquico

Recentemente, uma folha adversa ao regimen e que nos seus ataques não põe a lealdade devida espalhou, de mistura com graçolas pouco escrupulosas, boatos com tendencias a denegrirem a obra financeira da Republica. Poderia a coisa passar em julgado se a folha não tivésse levado a impertinencia ao ponto de reeditar a mentira com algarismos colhidos em documentos oficiaes, mas adaptados aos seus fins.

Assim, disse o jornal em questão que a divida interna consolidada 3 0|0 era em:

30 de junho de 1910 (ultima gerencia da monarquia).......	533.709:277$880
30 de junho de 1913..	565.208:676$880
Aumento em 3 anos. Esc..............	31.499:399$000

Como arranja ele isto? Não destrinçando a verba dos titulos na posse da fazenda, *e que, portanto, não são divida*, dos titulos *em circulação.*

Se o orgão monarquico quizésse dizer a verdade e portanto désse aos seus leitores a nota exata dos titulos em circulação, isto é, dos titulos que o Estado *deve*, encontraria não um aumento em tres anos de 31 mil contos, mas uma diminuição de cêrca de mil contos. Sim. A divida interna consolidada *diminuiu* em três anos de administração republicana cêrca de mil contos (valor nominal).

Como arranjou o tal periodico um aumento de divida, onde havia diminuição? Juntando á soma dos titulos em circulação os titulos que o Estado tem ainda na mão, isto é, os titulos na posse da fazenda, titulos que não deve.

Ora estes titulos tinham o valor nominal seguintes:

Em 30 de junho de 1910..........	211.503:888$88
Em 30 de junho de 1913..........	243.779:653$78
Aumento em 1913..	32.275:764$90

Se compararmos este numero com o aumento, no total, da divida interna para aí indicado pelos noveleiros da reacção, ou seja: 31.499.399$00—verifica-se que o acrescimo do valor nominal dos titulos na posse da Fazenda sobre o total da divida interna consolidada é de: 776.365$90.

Ha tambem a notar em relação á divida externa que, existindo em posse da fazenda, *disponivel*, o capital de 99 contos em 30 de junho de 1910, esse capital estava elevado a 1:662.390, em 30 de junho de 1913.

Quanto á divida flutuante poderemos tambem conversar um pouco...

Segundo os taes noveleiros, o aumento da divida flutuante nos 44 mezes de administração republicana foi de........ 6:379.667$94,8

Pois nos tres ultimos anos de administração monarquica a divida flutuante subiu de 73:780.271$08,5 para 82:058.948$08,2, o que representa, *em 36 mezes*, um aumento de...... 8:278.676$99,7

E, já agora, devemos notar que, sendo a divida *flutuante externa* em 30 de junho de 1910 de .... 11:651.243$53,5 a mesma divida em 28 de fevereiro de 1914 era sómente de........ 1:546.852$17 o que representa uma diminuição de... 10:104.391$36,5

Quanto á divida do tesouro ao Banco de Portugal, o aumento deu-se na respectiva conta corrente, porquanto não contraiu o Estado quaesquer emprestimos com o banco, que não sejam os levados a essa mesma conta; e quanto a esses, devemos observar que se encontram compreendidos no total da divida flutuante. Isto é: o aumento de 14:345.000$ nos debitos do tesouro ao Banco de Portugal está incluido no aumento da divida flutuante, já mencionado.

Após isto tudo, que é o principal, debitavam os noveleiros mais alguns dislates bem falhos de verosimilhança. Não nos prendamos com todos eles.

Quanto á venda de inscrições, sómente teem sido lançadas no mercado as que o Banco de Portugal está autorisado a vender, para amortisação do emprestimo de 7:000 contos, contraido em 1891. Mas—frize-se bem isto—essas vendas não representam aumento de divida, pois que as inscrições que caucionam esse emprestimo figuram na conta de titulos na posse da Fazenda; e a uma alienação desses titulos corresponde, por conseguinte, uma diminuição de egual importancia na divida do Banco, em conta desse emprestimo.

Por fim, queremos fazer notar que os emprestimos ao Tesouro pela Caixa Geral de Depositos e pelo Montepio Geral, excetuando os conhecidos nos termos das leis vigentes, com o primeiro desses estabelecimentos, para os Caminhos de Ferro do Estado e obras e melhoramentos nas alfandegas—estão tambem compreendidos nas operações em conta corrente, descritas na divida flutuante.

E eis aqui reduzidas ao seu nulo valor as pretenções mais ou menos *financeiras* dos pobres noveleiros do que foi e já não é.

Não tomámos grande pressa em publicar o que aí fica, em primeiro logar porque mais depressa se apanha um mentiroso de que um côxo; e em segundo logar porque desejámos obter uma confirmação oficial dos dados que oferecemos hoje aos leitores. Para compensar, porém, a pouca pressa que tivémos e que bem póde traduzir-se na pouca importancia que ligámos ao caso, aqui deixamo o aviso de que não gostamos de narizes de cêra e, portanto, se preciso fôr, melhor desmascararemos quem, de resto, mesmo de mascara já é bem conhecido.

E assim meteu o *Dia* a viola no saco...

Excursões

Viéram na quarta-feira a esta cidade cêrca de 300 alunos do *Colegio Avenida*, do Porto, de que são directores os srs. dr. Moraes de Almeida e rev.^os Manuel dos Santos Brito e José Maria da Fonseca e Pinho.

Na estação do caminho de ferro aguardou-os a Filarmonica José Estavam, da qual viéram precedidos até ao *Hotel Central*, onde se hospedaram, começando após o almoço as suas visitas aos vários estabelecimentos de ensino acompanhados por alguns professores e estudantes daqui, que gentilmente lhes serviram de cicerones. Em barcos embandeirados passearam na ria, cujos encantos e apreciaveis atractivos nenhum *touriste* deixou ainda de apontar como inegualaveis em terras portuguêses, viram depois a cidade e os seus principaes edificios, o jardim, o Museu Regional, até que á noite o comboio os conduziu de novo á procedencia bemdizendo do passeio que lhes proporcionou o colegio onde recebem a educação e que é um dos mais frequentados da capital do norte.

* * *

Informam-nos que a *Sociedade Recreio Artistico* promove para o dia 5 de Julho uma excursão a Coimbra para o que serão em bréve postos á venda em diferentes estabelecimentos os respectivos bilhetes.

Governador civil

Não regressou ainda de Lisboa, para onde partiu ha quinze dias, o sr. dr. Augusto Gil, governador civil deste distrito, inibindo-nos esse facto de tratar convenientemente da situação em que se encontram os administradores de Vagos e Estarreja a quem por mais duma vez já nos temos referido.

Esperaremos mais uma semana.

NOVO MINISTRO DOS ESTRANGEIROS

—=(*)=—

Com geral surprêsa de quantos julgam que a Republica não sabe distinguir entre os que prestaram serviços ao seu país no tempo da monarquia e que melhor e mais desafogadamente os pódem prestar dentro das novas instituições, aderindo e oferecendo-lhe o seu concurso, está ministro dos estrangeiros o sr. coronel Freire de Andrade, colonial distintissimo, professor abalisado, financeiro e patriota ás direitas.

A posse foi-lhe conferida na segunda-feira com a assistencia de cêrca de duzentas pessoas das mais elevadas categorías sociais, ministros, exministros, senadores, funcionarios de todos os ministérios, africanistas, representantes do alto comercio e industria, militares, etc., e realisou-se pelas 15 horas no salão de honra do ministério dos estrangeiros proferindo o sr. dr. Bernardino Machado o elogio do novo ministro, a que este respondeu declarando que trabalhará com toda a dedicação e lealdade pela Patria e pela Republica.

Dizem os jornais que ao terminar o seu pequeno mas eloquente discurso, o sr. ministro dos estrangeiros foi alvo duma entusiastica salva de palmas, em seguida ao que, e depois de ter recebido os cumprimentos da assistencia, se dirigiu com o sr. presidente do ministério ás duas casas do Congresso onde tambem foi acolhido com significativas demonstrações de apreço, sendo no meio de religioso silencio que assim se exprimiu perante os representantes da nação:

Saudando v. ex.ª, sr. presidente, e a câmara dos srs. deputados, devo dizer a v. ex.ª que procurarei desempenhar o cargo a que fui chamado, inspirando-me sempre nos superiores interesses do país e da Republica, sem quaesquer preocupações de ordem partidaria, que não tenho.

No presente momento, em que muitos afirmam que o nosso país atravessa um momento critico da sua historia, julgo dever de todos os portuguêses o prestarem o seu esforço, para conseguir que rapidamente se entre numa era de prospera tranquilidade, e este dever deverá ser cumprido com tanto mais dedicação quanto maiores sejam as dificuldades que nos assoberbem, que é preciso vencer e estou cérto serão vencidas, porque por outras mais gráves tem passado a nossa nacionalidade e delas tem saído mais engrandecida.

E' o convencimento desse dever que me levou a vir ocupar esta cadeira, por isso que se em Africa gastei quasi a minha vida e saude, para a maior grandeza da Patria, ali ameaçada, julguei que, como português e como patriota, não me era licito escusar-me a pôr agora ao serviço dela o pouco que me póde restar de forças e actividade.

Eis, sr. presidente, a razão por que aqui estou, dizendo a minha consciencia que doutro modo não podia proceder, quando tão preciso nos é o esforço colectivo e coordenado de todos nós para o bom govêrno da Nação. Se, porém, me enganei, o Parlamento o dirá quando assim o entender, e nesse dia voltarei para a obscuridade donde agora saí, sem saudades do pesado encargo que sobre mim pesa e com a satisfação de, quando mais não consiga, ter prégado pelo exemplo, como tenho feito sempre, a confraternisação e apasiguamento de toda a familia portuguêsa, que nos deve levar ao engrandecimento da Nação.

Estas palavras, coroadas do aplauso de toda a câmara, dizem claramente das intenções com que o sr. Freire de Andrade se propõe colaborar na obra da Republica e que, crêmo-lo, não teem paridade com as que levaram Cunha e Costa a filiar-se no monarquismo tão distanciadas se acham uma da outra as duas personalidades de que a imprensa monarquica nos ultimos tempos mais se tem ocupado.

E a prova está bem á vista.

Jornal monarquico

Saíu em Lisboa o *Diario da Manhã*, novo orgão da talassaria manuelina, que nos *honra* com a transcrição de parte do noticiario pertencente ao ultimo numero do *Democrata.*

Francamente: não corresponde ao reclame.

Teatro Aveirense

E' para nós extremamente agradavel dar aos leitores do *Democrata* a noticia de que no proximo dia 11 de Junho vão ter uma excepcional ocasião de admirar uma das melhores companhias dramaticas que ultimamente nos tem visitado.

Em récita unica subirá á scena a célebre obra prima, do notavel dramaturgo *Luderman*, **Mágda,** hoje universalmente conhecida.

A interpretação está a cargo de *Italia Fausta*, *Palmira Torres*, hoje as primeiras actrizes, do *Republica* e *Nacional* de Lisboa, Luiz Pinto, Henrique de Albuquerque, Izabel Berardi, Raposo e outros artistas de reconhecido merito.

A assinatura está já aberta na Tabacaria Reis, achando-se bastante adeantada.

Outro valente...

—=(*)=—

Por mal dos nossos pecados, que são grandes, no dizer das beatas da terra, temos hoje a noticiar uma nova scena de pugilato com o director desta folha e que se não teve consequencias gravissimas foi devido a um excesso de benevolencia tida para com o antagonista, um pobre diabo cheio de prosapias, a fingir de homem, desfrutavel como todos os parvos alegres, mas petulante ao ponto de a toda a gente participar que de Coimbra tinha vindo propositadamente.. para nos bater!

Com efeito, andando Arnaldo Ribeiro na quarta-feira de tarde a passear á sombra do arvoredo da Praça Marquês de Pombal com um amigo de Macieira de Cambra, o sr. Antonio Aguiar, notou que Rui da Cunha e Costa, surgindo da rua da Revolução, dele alguma coisa pretendia pelo que, destacando-se, foi logo ao seu encontro. Rui da Cunha parlamentou, dando tempo e mais que tempo a que lhe abrissemos a cabeça, o que só não fizémos por querermos dar ao adversario, que se nos desenhava, a primasia de iniciar o *combate*. E' que a digna vergontea de Cunha e Costa sentindo-se magoada com as referencias que lhe fizémos no ultimo numero do *Democrata* havia resolvido tirar um desforço pessoal para mostrar que se não esteve na Rotunda e não é um heroe, como Machado Santos, isso contudo não implica falta de coragem, como o demonstrou, vindo de Coimbra tão sómente para nos agredir e ter ensejo de receber depois os cumprimentos do *Bichêsa*, do *Flautas*, do *Canivete*, da tropa, emfim, que constitue a falange *dramatica* da Vera-Cruz, de que o moço fazia parte antes de dar com os pratos na cara da Republica em obediencia aos principios de tolerancia estabelecidos como condição para o triunfo da monarquia nova. Para encurtar razões: Rui da Cunha, após ter dito ao que vinha, deu na perna do nosso director uma bengalada. O que depois se passou até á intervenção da policia e outras pessoas que puzéram côbro ao conflito, sabe-o ele melhor do que nós... visto que o sentiu, não obstante a consideração que ainda tivémos pelo estado fisico da raquitica creatura.

De resto não era preciso ao filho de Cunha e Costa exibir-se assim publicamente para fazer jus á protecção paternal, tanto mais que éla está assegurada com a sua atitude de agora, afastando-se do convivio do partido republicano por uma imposição que nem honra quem a faz nem dignifica quem a aceita.

Quiz, no entanto, o Ruisinho dár nas vistas, fazer figura de... *valente!* Não lhe gabâmos o gosto. A menos que isso lhe traga alguns *emolumentos* porque então já o caso muda de figura...

Mas que grande pandega! E que pandegos nos saíram cértos figurões... *republiqueiros*...

Junta Geral do Distrito

—=(*)=—

Sob a presidencia do sr. dr. Marques da Costa secretariado por Arnaldo Ribeiro e com a presença do vogal dr. Samuel Maia, efectuou-se no sábado a reunião semanal da comissão executiva da Junta Geral do Distrito, a qual, depois de tomar conhecimento do expediente e do balancete do tesoureiro, aprovou as contas das irmandades dos Santos Martires, de Travassô, e Ordem Terceira de S. Francisco, do concelho de Agueda; Almas, de Romariz, concelho da Feira; do Santissimo, de Ovar e Senhora da Maternidade e S. Sebastião, da freguezia de Valega, concelho de Ovar.

Por fim foram distribuidas outras contas e aprovados os orçamentos das seguintes irmandades: Senhora da Nazaré, da Gafanha, Senhora do Carmo e Almas, da Gafanha dos Caseiros, concelho de Ilhavo; Santissimo Coração de Jesus de Ovar, Misericordia e S. Sebastião, da Mealhada; Almas e Senhor dos Passos, de Sôza, concelho de Vagos; Almas, de Valmaior, concelho de Albergaria-a-Velha; Senhora do Rosario, de Esgueira, concelho de Aveiro; Misericordia, Santissimo, de Sanfins, e do Hospital Asilo de Nossa Senhora da Saude, de Oleiros, concelho da Feira.

PELA IMPRENSA

Recebemos a visita de *O Povo de Gaia*, orgão da União Republicana, que no domingo principiou a publicar-se em Vila Nova.

Os nossos cumprimentos.

= Pelo seu terceiro aniversario, que acaba de encetar, felicitâmos o *Futuro de Estarreja*, bem redigido semanario democratico da séde do concelho donde tirou o nome e com cuja camaradagem muito nos honrâmos.

Oxalá a fé com que combate pela Republica anime o vigoroso lutador a proseguir na ardua taréfa que se impoz e está realisando em harmonia com os interesses da região que representa na imprensa.

MUITA GRAÇA...

—=(*)=—

Aquele *Almeidinha dos Oculos*, que na monarquica (?!) *Soberania*, de Agueda, escreve as *Conclusões*, concluia um dia destes por achar imensa graça ao Conde de Márim a quem os gatunos roubaram a carteira e que, presto, fez inserir nos jornaes o seguinte anuncio:

«O CONDE DE MÁRIM, ex-detentor, cuja carteira foi subtilmente reivindicada na tarde ou na noite de 5 do corrente, para decerto o seu conteudo monetario ser paternal e definitivamente integrado no patrimonio colétivo, como de justiça (de Suas Ex.^as), pede aos Ex.^mos Srs. Integradores o cordeal obsequio de lhe devolver os papeis e documentos encontrados na mesma carteira e que nenhuma relação teem com a proveitosa resolução dos problemas sociaes a cargo dos referidos Ex.^mos Srs. Integradores.

Porto, 8—4—14.

E. R. M.»

Quer dizer:—exclama o *Almeidinha—o Conde de Márim ri dum roubo que lhe fizéram. E penso que se trata de papeis no valor de 600:000 reis. Ri bem, ri publicamente, e, tratando-se a si de* ex-detentor *da sua carteira, chama aos gatunos déla*—Ex.^mos Srs. Integradores.

. . . .

Não ha duvida de que é um homem forte, o Conde. Mas os bons modelos são precisamente aqueles que se não copiam.

Pelo falar do *Almeidinha dos Oculos* no porta-vós da talassaria de Agueda tambem lá o pretendido espirito do Conde de Márim encontrou éco, que é como quem diz, fez sucésso. Com a chalaça do Conde riu por sua vez o *Almeidinha*, riu, decérto, o Azevedo e quando estes dois riem, o riso, que é comunicativo, transmite-se e faz rir a bom rir a Maria Caipira, a mulher do Aniceto e tantas outras que naquela terra fazem parte integrante da familia da *Soberania*... Foi uma gargalhada geral. O Conde de Márim tem imensa graça!...

Só não lha acha o antigo encarregado do bufete do *Turf-Club*, que ha quatro anos procura, debalde, o *espirituoso* monarquico, afim de obter dele o pagamento de 43 escudos e 87 centavos. E compreende-se: ainda está para aparecer o primeiro negociante que se ria das piadas dum freguês que o caloteia... Quando muito, faz confrontos entre o que ele diz e o seu procedimento...

Como neste caso os deve ter feito o tal encarregado do bufete do *Turf-Club*.

Passeio velocipedico

Promovido pela antiga Companhia de Bombeiros Voluntarios desta cidade realisou-se no domingo um passeio ao Vouga em biciclete, com trajecto por Angeja e S. João de Loure, que decorreu animado embora a tarde não fosse das mais agradaveis e convidativas por causa do vento norte que desabridamente soprou.

Algumas familias acompanharam, em carros, os velocipedistas.

Festa azilar

Para combinarem a melhor fórma de levar a efeito uma festa que ao mesmo tempo sirva para tornar conhecidos os beneficios que tem prestado o Asilo-Escola Distrital de Aveiro aos que nele se teem acolhido desde a sua fundação, reuniu ha dias um grande numero de ex-internados daquela casa, com residencia nesta cidade, resolvendo unanimemente iniciar os seus trabalhos no sentido exposto.

De futuras reuniões ficou pendente a elaboração do programa e escolha do dia em que se devem efectivar os desejos manifestados pela antiga e atual familia azilar.

Notas mundanas

Regressou de Lisboa e Coimbra a sr.ª D. Ludovina Costa, presada mãe do nosso amigo Francisco Vieira da Costa.

=No vapor Antony *embarcou no dia 27 com destino a Manáus, E. U. do Brazil, o sr. Manuel Nunes Sequeira, estimavel assinante deste jornal e que quer na sua terra, S. João de Loure, quer na cidade brazileira onde já tem estado por mais duma vez, gosa das maiores simpatias.*

=Tambem seguiu no mesmo dia para Porto Alegre afim de se empregar no comercio, o sr. José da Silva Abreu, da mesma sorte natural de S. João de Loure, rapaz honesto e trabalhador.

A ambos desejâmos boa viagem e feliz futuro.

=Tem estado bastante doente a sr.ª D. Laura Ferreira, sobrinha do nosso amigo sr. Manuel Barreiros de Macêdo.

=Veio na quarta-feira a esta cidade, o nosso amigo sr. Antonio Aguiar, de Macieira de Cambra.

=Tambem aqui vimos os srs. José Rodrigues Pardinha, de Sarrazola, Ventura Simões Aidos e Manuel Simões de Oliveira, do Paço.

=Está em Coimbra tratando-se do grâve encomodo que a tem acometido, a esposa do sr. Carlos Mendes, que felizmente experimenta melhoras.

Contra a empenhoca

Com tanto de surprêsa como de aplauso, acaba de ser distribuida por todas as unidades militares uma circular dimanada do chefe do gabinete do sr. ministro da guerra, e em nome deste, que tem fóros á aprovação unanime de todos os sinceros republicanos.

Afirma esse documento que militares de todas as graduações fazem levar ao conhecimento do ministro pretensões por meio de memoriaes, apresentados por pessoas da classe civil o que se torna absolutamente deprimente para o brio e prestigio dos militares que, com tal processo, se colocam na dependencia de individuos muitas vezes indignos do convivio social.

Assim para evitar equivocas situações e satisfazer o respectivo cumprimente de leis e regulamentos militares que não pódem esquecer-se, o digno ministro da guerra ordena que rigorosamente sejam observadas as seguintes determinações:

«1.ª—Nenhuma pretensão de oficial ou praça de pret será atendida quando não fôr apresentada na devida fórma pelas vias competentes.

2.ª— Todos os chefes deverão informar cuidadosamente as pretensões dos seus subordinados, atendendo ao disposta na circular n.º 479 de 18 de abril ultimo, expedida pela repartição do gabinete desta secretaria.

3.ª—Não será tomada em consideraçãoqualquer recomendação particular com que os oficiaes ou praças façam apoiar as suas pretensões, antes, se estas não forem resultantes de direitos consignados em lei ou regulamento, as prejudicarão, podendo motivar o seu indeferimento.

4.ª— Todo o oficial ou praça deve compenetrar-se de que a unica recomendação eficaz é a boa informação que mereça dos seus chefes e superiores, e que é perante estes que devem fazer valer os motivos justificativos das suas pretensões e não junto de quaesquer outras entidades militares ou civis, por mais elevada que seja a categoria destas.—*Luiz H. Pacheco Simões*, tenente-coronel.»

Incontestavelmente taes determinações acabam com um dos maiores males que em tão grande escala a monarquia nos legou: a empenhoca!

Por isso as aplaudimos, esperando que no ministério da marinha e nos outros seja seguido o exemplo, forçando todos os funcionarios tanto civis como militares a libertarem-se da submissão espontaneamente por eles estabelecida para com quantos como politicos, influentes, e *beneméritos*, advogam e protegem várias das suas pretensões, tornando-se além disso absolutamente indispensavel que se assente e estabeleça no espirito de todos que dentro deste regimen e pelas vias competentes bastará que cada um se apresente e diga da sua justiça para que seja devidamente atendido.

E' necessario acabar de vez com a errada compreensão de que, pedido ou pretensão que não seja protegida por qualquer influencia cheia á repartição e ás vias competentes, não será atendida nem satisfeita. Sobre o caso alguem nos afirma que muitos dos que pelas suas posições oficiaes taes pretensões tem de atender, não o fazem sem que lhe chegue a recomendação particular, para satisfação da sua vaidade de burocrata e de... politico, dispensando assim favores e evidenciando importancias que oportunamente exigem outros em troca.

E' possivel que assim suceda, mas estamos seguros de que não haverá ministro que se esquive, ao conhecer do facto, dum procedimento perfeitamente á altura do seu subordinado.

Refere um coléga da capital que na Italia para pôr cobro ao empenho particular que atingia ali fóros duma verdadeira praga, o ministro da marinha ordenou que todas as cartas particulares com aquele carater apresentadas no seu ministério a favor de qualquer marinheiro fossem juntas á respectiva caderneta representando uma nota de máu comportamento.

Contudo como os maus costumes não cedem facilmente a benéficas modificações hade tentar-se ainda iludir impunemente esta disposição se ela não fôr completada com qualquer providencia rigorosa e insofismavel que a ponha a coberto de engenhosas investidas.

Todavia ela só nos merece o mais vivo aplauso porque bem traduz uma das mais dignas e sérias determinações podendo tal documento figurar entre os mais patrioticamente honestos e doutrinarios.

Barcos em perigo

Acossados pela nortada rija de domingo entraram precipitadamente a barra ao fim da tarde daquele dia, quatro lanchas de pesca que andavam no alto mar e ás quaes um rebocador que daqui tinha saído para Leixões não poude prestar socorro, consoante lhe fôra pedido.

Felizmente não houve desgraças a lamentar.

Era de esperar

Aquele famigerado *Bicheza*, que anda agora pelas colunas do orgão da familia disfarçado em ridiculo *cabo da ronda*, a vêr se consegue que lhe tomem a sério a negregada e serodia prosa, batida e esfalfada como rameira reles e pestilenta, alude ao ridiculo incidente que o filho de Cunha e Costa ai provocou, a fazer jus a um aumentosinho na mesada pela completa adesão e aplauso á politica... paternal, duma maneira á altura dos seus velhos e reconhecidos habitos de bandoleiro e de pulha!

O caso, que só provocou o riso a uns, a outros a lastima por tão impensado lance, que corre parelhas com outros identicos e liquidados entre colegiais frequentadores do ensino primario, merece ao *cabo da ronda*, patente que o *Bicheza* reconhece como bastante para galardoar e distinguir os seus altos meritos literarios, poeticos e, especialmente, politicos, merece, diziamos, uma descrição naquêle estilo amalandrado, que é, na verdade, o seu unico merito, pois que, entre outras pulhices, diz que *para castigar a calunia viéra o Ruisinho de Coimbra afim de aplicar ao caluniador uma série de bengaladas que, se lhe não serviram ainda de corretivo, pelo menos recordarão por muito tempo!*

Como tal pulha faz historia!!!

Calunia reproduzir um escrito e comenta-lo numa das referencias que o seu autor fizéra verdadeira aplicando a doutrina na pessoa dum filho?

Calunia referir esse facto que é do dominio publico e que demonstra a fraqueza de quem se humilha até ao ponto de calcar o seu passado e as suas publicas afirmativas e profissão de fé politica para acomodar-se á imposição dum pai, que o país inteiro classificou como merece?

Que a Ruisinho dôam a duras apreciações que o procedimento politico do seu progenitor nos merece e á imprensa em geral, exceção feita á peniqueira onde o *cabo da ronda*, pela mão do *Bicheza*, deposita as dejecções do seu bestunto, compreende-se; agora que ele arme em D. Quixote, para vir de bengala em punha bater nas pernas de quem o aprecia, é ridiculamente... infantil, ainda que o *cabo da ronda* prometa, pela boca podre do *Bicheza*, defeza e referencias em frase... domingueira, lembrando até, com aquele invejavel desplante de emerito imbecil, que *os profissionais da calunia, que a opinião publica e os tribunais já mascaram indelevelmente com o ferrete da ignominia*, sejam os mesmos a quem Aveiro, e não só Aveiro como muitas terras do país, teem distinguido com as mais cativantes provas de solidariedade pelo reconhecimento da verdade, que tem sido, é e ha-de ser, emquanto durar, a norma do *Democrata*, modesto defensor duma Republica que não seja nem de malandros, nem de pulhas, nem de gatunos.

O Tartufo!

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

Estará descoberta a cura da tuberculose?

Tem produzido grande sensação a comunicação feita á Academia de Medicina de Paris, pelos professores Edmond Lardy, da Universidade de Genebra; Colbeck, dos hospitaes de Londres e especialistas em afecções tuberculosas; William, dos hospitaes francêses em Londres, e Letulle, da Academia de Medicina de Paris, e chefe do gabinete medico legista, do metodo Henry Spablinger, para a cura da tuberculose.

Consiste esse metodo em injecções intravenenosas e intramusculares de uma combinação de antigenos do microbio da tuberculose com um fermento especial, cuja natureza ainda não foi divulgada, podendo-se graduar as reacções segundo a quantidade e qualidade do fermento.

Os professores que fizeram a sensacional comunicação falaram de curas maravilhosas obtidas mesmo em afecções grâves e adeantadas.

Esse tratamento produz nos primeiros dias uma reacção tão forte, que dá ao paciente uma grande depressão organica, á qual se sucéde um acelerado melhoramento que termina pela cura completa.

Tem-se verificado que as cavernas cicatrisam e as caseosidades desaparecem.

As fórmas mais variadas da molestia encontram a cura por esse tratamento: lupus, enfartamento ganglionar, tuberculose ossea, pulmonar, etc.

As experiencias em cobayas foram concludentes.

Depois de injectadas com o bacilo da tuberculose, eram as cobayas submetidas ao metodo, quando acusavam hypertrofia dos orgãos, extrema magreza, cancro tuberculoso no abdomen, etc., dando a pleide ganglionar culturas puras.

Um ano após, autopsiadas, constatava-se cura completa.

Ao exame microscopio nenhum bacilo era encontrado.

As cobayas injectadas com as emulsões ganglionares, do figado e pulmões, das já curadas não contraiam a tuberculose.

O professor Spablinger, que é suisso, estuda esse metodo ha quatro anos, contando trinta de edade. Como se vê, um rapaz novo que póde vir a ser um heroe se em toda a sua plenitude os medicos confirmarem a maravilhosa descoberta.

Necrologia

Faleceram no fim da ultima semana, nesta cidade, as sr.ªs Maria da Luz Marques, esposa do guarda fiscal aposentado, sr. José Marques de Carvalho e Emilia Augusta dos Anjos Pereira, irmã do tipografo João Pinto Evangelista e tia do sr. José Robalo Lisboa, ajudante do escrivão do 3.º oficio.

=Na sua casa da Prêsa deixou tambem ontem de existir a sr.ª D. Olimpia Biaia Moreira Belo, esposa do sr. Antonio Moreira Soares da Silva Belo, secretário do comissariado de policia deste distrito e cunhada do nosso querido amigo dr. Abilio Marques.

Os nossos pêsames ás familias em luto.

O que vai por Espanha

Um grande escandalo na Câmara dos Deputados

Relatam de Madrid em data de 26 que o socialista Pablo Eglezias realisou nesse dia, no Congresso, a proposito da discussão da resposta á fala da corôa, o seu discurso sobre politica marroquina, tão anciosamente aguardado e que, devendo já ter sido proferido na vespera determinou medidas especiais de prevenção por parte da policia.

Começando por recordar as soluções da questão marroquina, que tem preconisado nos comicios, o chefe do partido socialista abordou o problema em face do mais acentuado pessimismo, afirmando que todos os partidos monarquicos haviam concorrido para que na campanha de Africa se hajam cometido as maiores torpezas, por entre frequentes increpações entre republicanos e monarquicos.

Defendeu, depois, Pablo Eglesias a necessidade imperiosa de se abandonarem as posições tomadas em Marrocos e, ao censurar a organisação dada aos negocios da ocupação marroquina pelos chefes militares, afirmou que a tomada de Zelução se efectuára por indicação de Afonso XIII. Protestando contra esta afirmativa os membros do govêrno e o sr. Maura que exclamou: *Nunca outras vozes se levantarão para dizer que isso é exacto*, o orador declarou que apenas referira o que ouvira dizer pelos corredores da câmara, a vários mauristas, os quais por sua vez, tambem protestaram em termos ruidosos. E, insistindo Pablo Eglezias em referir-se á politica do poder pessoal, acusou Afonso XIII de influir na politica internacional, pois ninguem ignora, disse, tudo o que tem sucedido em Espanha depois da revolução portuguêsa: O rei dá e tira o poder e ali estava Eduardo Dato, presidente do conselho, para o demonstrar. Estas palavras produzem enorme escandalo.

Todos os ministros presentes protestaram, ao passo que o *leader* socialista continuava afirmando que só o poder pessoal governava em Espanha. Os republicanos de pé, sobre os bancos, e de cabeça descoberta gritavam: *E' exacto! E' exacto!* e ministeriais, socialistas e republicanos, todos barafustavam, sendo o tumulto medonho.

O presidente do Congresso Gonzales Besada chamou então o orador á ordem, advertindo-o de que estava empregando conceitos que não podia permitir-lhe e discutindo assuntos e pessoas constitucionalmente fóra de discussão. Exitados cada vez mais os animos, o chefe socialista tentou repetir, confirmando o que já dissêra, mas os monarquicos increparam-no por entre maior tumulto, chegando, mesmo, um a atravessar o hemiciclo e a tentar agredil-o, o que outros deputados evitaram, interpondo-se aos dois contendores. Então Pablo Eglezias, fatigado, pediu para ficar com a palavra reservada para o dia seguinte.

Levantando-se, em seguida, Eduardo Dato, disse que o orador se entretivera a colher pelos viélas toda a especie de boatos calunniosos e indignados protéstos das maiorias da conjunção republicana socialista. Impedindo o presidente do conselho de falar, durante uns 10 minutos, os protestos das referidas minorias não cessaram, cada vez mais veementes e tumultuosos.

Por fim, Eduardo Dato, conseguiu fazer-se ouvir e afirmou que a alimentação dos soldados, em Africa, era excelente, embora, em cartas, haja quem diga o contrario. E' porém, pura mentira.

Por entre calorosos apoiados e aplausos dos ministeriais, bem como de Maura e dos seus amigos, ouviu-se, nesta altura, um viva ao rei Afonso XIII, soltado pelo deputado datista por Almeria, Cervantes y Sans de Aldino, ao qual os republicanos corresponderam com vivas á Republica.

Nesta altura o tumulto atingiu, as maximas proporções, sendo nestes termos encerrada a sessão, depois do que estivéram ainda eminentes, nos corredores, vários conflitos pessoais, evitados pelos membros da câmara mais cordatos.

Pablo Eglezias, ao saír do Congresso, foi acompanhado, até casa, por alguns centenares de operarios que o aclamavam delirantemente.

A imprensa é unanime em afirmar que já ha muito tempo se não produz no parlamento espanhol uma bernarda de tão grandes proporções como a de agora.

Mas não passou disso...

"Lendo e aprendendo"

Acaba de ser posto á venda nas Livrarias de Lisboa, e brevemente será espalhado por todo o país, o livro *Lendo e aprendendo* de que é autora a sr.ª D. Ana de Castro Osorio. Este livro mereceu a honra de ser aprovado e adoptado para as escolas primarias do progressivo Estado de São Paulo, o que em materia de ensino vai na vanguarda de todos os outros, no grande e rico país a que nos prende a fraternidade da raça e da lingua.

Ilustrado por Alfredo Moraes tem uma linda capa alegorica impressa a côres, onde se vê a vasta obra infantil e pedagogica da autora e de seu marido, Paulino de Oliveira, recentemente falecido.

O seu preço de 40 centavos põe-no ao alcance de todas as bolsas, tornando-o uma obra verdadeiramente popular, apesar das suas 200 paginas de prosa e verso, do seu magnifico papel, impressão, e ilustrações apropriadas, que o tornam uma obra quasi luxuosa.

Embora os livros da autora não tenham ainda sido adoptados pela Republica Portuguêsa, aconselhamos a leitura désta obra, principalmente nas escolas femininas, pois é exatamente para a educação das mulheres, tão desprezada entre nós, que ele foi especialmente escrito.

A' venda em todas as livrarias.

Pedidos especiaes para colegios e revenda, com descontos—R. do Arco do Limoeiro, 17, 3.º, Lisboa.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

PARA A GALERIA

Lê-se no *Mundo* de quarta-feira:

«Foi aqui ha tres anos. Apresentavam-se aos eleitores os candidatos á Constituinte. O Teatro Aveirense estava á cunha e anciosa a assistencia por ouvir o celebre contrabandista de palavras cujas funções hoje acumula com as de cotado marechal da *tropa*, e colaborador, amigo e correligionario dos orgãos da fôrca e adjacencias. Ao cabo de alguns momentos foi satisfeita a anciedade. Ei-lo, emfim, no tablado, o contrabandista, que por entre uns esgares de comediante de antiga casa solarenga recitou o seu extenso discurso escrito—escrito de proposito, dizia, para que os seus compromissos os não levasse o sopro do esquecimento!—no qual delineava o seu mirifico programa e se apresentava como o mais lidimo representante daquela encantadora região no futuro Parlamento. E disse da Republica e disse da Democracia tudo quanto de belo se poderia dizer nesta nossa linda e incomparavel lingua de Camões, rematando com o empolgante trocadilho: *Viva a Republica na Patria! Viva a Patria na Republica!* Os aveirenses palmearam com frenesi a musica do contrabandista—comediante que, felizmente, não logrou vir ao Parlamento, porque aqueles eleitores, cenhecendo o estofo do musico, meteram as mãos nos bolsos e não votaram nele, no vendilhão, que com as mesmas convicções de então, com as mesmas convicções de sempre, hoje se exibe, já comediante barato, amarrado ao antigo *sobriquet* de... sr. Unha.»

Está muito bem. Mas agora o *Mundo* espere-lhe pela volta; a qual volta vem a ser o *desforço* do *Unha Junior*, que se não partiu vai partir para Lisboa com a intenção de o *arrazar*...

Grande cataclismo!...

A cultual e o administrador de O. de Azemeis

II

Não temo as responsabilidades dos meus actos nem a minha conduta me faz córar de vergonha, porque aqueles são praticados sob uma hombridade consciente e esta deslisa harmonicamente desde os meus primeiros passos na vida publica, aplaudidos por aqueles que hoje, feridos na sua susceptibilidade criminosa, me escalpelam em critica mordaz, mas vasia nos seus argumentos, mas falsária nas suas afirmações.

O meu procedimento tem sido sempre uma luta pela verdade, por essa verdade *que lava, que purifica e que liberta.*

Eis a razão porque nunca militei nos partidos monarquicos e porque sempre me encontrei e hei de encontrar nas fileiras do verdadeiro partido republicano.

Esta luta será talvez infrutifera, acarretando-me dissabores e sacrificios, mas consola-me a consciencia numa tranquilidade de dever cumprido. Sei que esta atitude é escarnecida pelos que no movimento da vida social se arrastam sem descanso pelo interesse do mais requintado egoismo. Mas esses entrego-os eu ao escalpelo da critica justa de José Caldas—*O velhaco que se acostumou a não dar um passo sem paga, e que tambem sem paga não faz o seu oficio, póde lá conceber que haja alguem que pela Verdade se exponha a sacrificios e padeça trabalhos, sem outra recompensa senão a de uma consciencia satisfeita? Ele quer lá saber disso!*

Nunca, portanto, me cansou o mais leve sobresalto nem me fez oscilar um instante a ameaça, a perseguição, o odio dos anti-cultualistas. Recebi com satisfação a noticia de que o sr. Fernão de Lencastre me ia chamar aos tribunais pela primeira parte deste libelo acusatorio em que as testemunhas são os factos da sua vida passada. Esfreguei as mãos de contente por saber que o sr. administrador do concelho pensava em presentear-me com um convite oficial para eu dizer nos tribunais desta vila as miserias da sua vida publica e para mostrar bem á vista as ventosas dos seus tentaculos de parasita.

Sim; eu no tribunal, perante toda a responsabilidade juridica, provava, sem medo da mais leve arranhadura de controversia, que o administrador do concelho, Fernão de Lencastre, se fez republicano para um dia se banquetear á meza do orçamento com a incompetencia propria do crasso ignorante e com a lealdade do escravisado pelo dinheiro.

A bréve trecho, porém, essa minha alegria desaparecia com a realidade de ter desistido do seu plano o sr. Lencastre. Revoltei-me contra os que lhe déram esse conselho. Mais uma arrelia e mais um dissabor para mim e mais uma maçada para este jornal.

Todas as afirmações feitas e todas as frases escritas neste libelo são a verdade núa e crúa e são só da minha inteira responsabilidade.

Faço esta declaração para que o sr. de Lencastre, conhecido por toda a vila como um viciado trapalhão, não tenha duvidas sobre o meu caracter.

* *

Disse na primeira parte que o sr. Fernão de Lencastre não tem a dignidade de politico nem a força moral de autoridade. Já bastava o que então disse para o provar, mas hoje vou reforça-lo com mais factos de prova.

Quando das ultimas eleições para a Junta de Paroquia do Couto de Cucujães, o sr. admnistrador *combinou com os seus correligionarios* entrar nessa corporação administrativa o farmaceutico Cunha e Silva, velho e sincéro republicano que preside, pelo seu trabalho honrado, á sua auto-sustentação. Via nisso os vislumbres das eleições o sr. de Lencastre recebeu uma carta de Cunha e Silva sobre a sua entrada para a Junta. Mostrou-a ao chefe *dos seus correligionarios* e ficou sabendo que uma traição se preparava para dar uma facada nesse velho republicano. Em vez de o avisar, como o impunha a dignidade, calou-se, não respondendo sequer á carta. No dia do acto eleitoral o sr. Cunha e Silva, levado na sua boa fé, dirigiu-se para a assembleia e

Caixa Economica Postal

Aceitam-se depositos, á ordem, em dinheiro, desde $20 a 1.000$, e em estampilhas, das taxas de 1|2 a 2 1|2 centavos, por meio de boletins, até 20 centavos cada boletim.

Juro de 3 0|0 ao ano.

Qualquer estação Telegrafo-Postal aceita depositos.

Os vales do correio nacionaes, internacionaes e ultramarinos e as ordens postaes pódem ser endossadas a esta Caixa para serem creditados na conta corrente de qualquer titular, para o que basta envial os em subscrito cerrado, *sem estampilha*, á séde da Caixa.

Tambem se aceitam, para o mesmo fim, coupons de papeis de credito, cheques nacionaes, internacionaes e outros titulos a cobrar, devendo estes ser remetidos em carta com valor declarado á séde da Caixa, rua Alves Correia (vulgo rua de S. José) 14—LISBOA.

---

só ao pegar numa lista viu a traição. Soube então que o seu nome estáva designado a obter só 4 ou 5 votos. Dirigiu-se ao escrivão Andrade, que lá estava á espera do efeito, e perguntando-lhe a significação de tal procedimento, este respondeu que o povo não o queria eleger, desvendando-se então todo o trama urdido com o aplauso e conhecimento do sr. administrador do concelho.

Como bom republicano que é, Cunha e Silva declarou que contra a vontade do povo não queria ser eleito, mas sabendo perfeitamente que essa vontade era, não a do povo, mas a dos seus adversarios, viu claramente a traição planeada e avistou ainda o punhal miseravel na mão do sr. Fernão de Lencastre.

E tanto não foi a vontade do povo e tanto era uma traição, que Cunha e Silva, depois das suas declarações ao escrivão Andrade, apareceu no apuramento final com votação egual ou quasi egual á dos outros eleitos.

Aonde é, pois, que está a dignidade de politico?

Quando nesta vila faleceu a cunhada de Augusto Guerra, o abade desta freguezia recusou-se a acompanhar o cadaver, fazendo-se por isso o enterro civil. O sr. administrador sabendo disto, não lhe retirou o arquivo paroquial, como manda a lei. Mais tarde o mesmo abade foi punido judicialmente por faltar ao respeito ás leis da Republica, e o sr. administrador por fim trabalhou para não ser retirado o arquivo. Não cumpriu a lei de Separação mostrando uma benevolencia criminosa.

Quando o abade de S. Tiago, freguezia deste concelho, foi levado para a Penitenciaria de Coimbra por atacar publicamente a Republica, o arquivo passou para o oficial do Registo Civil, atendendo á ausencia do abade. Foi depois julgado e absolvido, e voltando á sua residencia o oficial do Registo Civil oficiou-lhe, perguntando-lhe os motivos da ausencia para lhe ser entregue o arquivo, como ordena a lei. O oficial recebeu em resposta um oficio em que o abade lhe dizia, em frases escolhidas e em ironia fina, que só o sr. administrador do concelho podia dar uma resposta clara ao oficio recebido.

O sr. administrador não tratou mais do assunto e o arquivo não voltou mais para o abade de S. Tiago. O sr. Fernão de Lencastre não quiz que a lei se cumprisse. Foi injusto, mostrando uma criminosa... asperêsa.

Quando se formou a Cultual nesta vila, o artigo 13.º da lei da Separação foi rasgado e chasqueado com conhecimento da autoridade administrativa, que em vez de o fazer cumprir e respeitar, auxiliou e protegeu os seus detratores. Foi tambem um cumplice.

Perante isto pergunto: a autoridade que umas vezes calca a lei para favorecer e outras vezes calca a mesma lei para prejudicar, tem força moral para se conservar no seu logar?

Em vez de autoridade moral aparece-nos, em toda a nudez, miseria social.

Não é uma autoridade; é um criminoso.

Mas em paga de tão prestaveis serviços á Republica e ao país, vai ser nomeado, tal é a promessa, para comissario do govêrno junto da companhia do Vale do Vouga, logar que, segundo se afirma, não tem existencia, logar para que o sr. de Lencastre não tem competencia.

E' a glorificação do parasitismo e da imoralidade.

O. de Azemeis, 20 | 5 | 914.

Lopes de Oliveira
(Medico)

Carta de Africa

—=—

Beira, 3 de Maio

Passando hoje mais um aniversário da gloriosa descoberta do Brazil, por esse motivo é considerado feriado oficial, em todo o territorio da Companhia de Moçambique.

=Pediu a demissão de empregado desta Companhia e seguiu a bordo do *Kronprinz* com destino á metropole, o capitão de fragata sr. Emilio Alberto de Macêdo e Couto, que durante a sua permanencia nesta cidade, exerceu com alta proficiencia o cargo de capitão dos portos.

E' devéras lamentavel a saída de tão ilustre funcionario, porque Macêdo e Couto enquanto esteve no territorio da Companhia de Moçambique, só soube conquistar simpatías de todos os habitantes da Beira.

=Acompanhado de sua ex.ma esposa, partiu ontem para Lisboa a bordo do *Burgernocister*, o nosso amigo e correligionario sr. Francisco da Silveira Fernandes, secretário da Intendencia do Govêrno da Republica, nesta cidade.

=Pelos jornaes chegados na ultima mala, soubémos do grande banquete promovido pelos republicanos do Porto, em honra do eminente estadista dr. Afonso Costa.

Esta grandiosa manifestação foi tambem uma verdadeira apoteose para o Partido Republicano Português.

=Poucos são os numeros do jornal o *Radical*, de Oliveira de Azemeis, em que este não deixe de verberar o procedimento do clero reacionário, daquele concelho.

Esses *vendilhões do templo*, que por meio de todas as traficancias incutem nos fracos de espirito as suas arremetidas, andam agora de aldeia em aldeia a angariar assinaturas como protesto ao decreto de 20 de Abril de 1911, de que é autor o ilustre homem publico e grande patriota, dr. Afonso Costa.

Aos verdadeiros republicanos cumpre estarem a postos, e hoje como sempre levantarem bem alto o grito contra a reacção que procura esmagar o regimen.

C.

Comunicados

—=(*)=—

O abade de Pindelo e o povo de Pinhão

Empregando toda a sua autoridade jesuitica quer este reverendo masmarro aos homens fazer deles uns manequins e das mulheres umas mumias repelentes para se tornarem ermas de afectos para nunca mais inspirar simpatía nem ternura ou respeito. Procura a todo o transe lançar nos lares destes liberaes povos que tem por religião o trabalho honesto a sua baba fanatica ardilmente arquitetada. Foi escorraçado de diversas casas mas ele é tão descarado que anda a vêr se consegue as suas ideias jesuiticas.

Pindelo, séde da freguezia, em geral todos os povos estão submetidos a todos os seus projectos maquinaes e dedicam-lhe toda a sim patía jesuitica como de jus pertence ao seu adorado manipanço. A junta paroquial, a quem nós démos o nome de junta clerical, é toda composta de individuos á sua feição e para quem compreende meia palavra basta... Segundo me informaram ele já têve a ousadia de dizer que os povos deste logar, em geral, não lhe tem pago a congrua e que poucos ou nenhuns se tem confessado, mas isto dito com aquéla prosa grotesca daqueles vendedores de elixires maravilhosos que na praça pública nos chamam á atenção com enormes gritos e sortes de prestidigitação para uma pomada que tira calos, faz crescer o cabelo, evita as dôres de barriga e faz crescer os peitos ás senhoras, etc. Quer tentar a toda a força, mesmo contra a vontade do povo, intrumeter-se na festa do Corpo de Deus, que tencionamos fazer. Que não caia néssa asneira porque do contrario as coisas tornar-se-ão azedas e nós imputamos-lhe toda a responsabilidade se a sua tropa fanatica promover qualquer desacato; por isso será bom que o reverendo deste logar o desvie de tal proposito.

Pinhão, 21—5—914.

Alcunha

"ILUSTRAÇÃO PORTUGUÊSA,,

Compram-se os n.os 24 e 35, primeira série, formato grande, désta publicação semanal editada pela emprêsa do *Seculo*.

Dirigir ao nosso escritorio.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

MAIO

DIAS	PHARMACIAS
31	LUZ

Agradecendo

Beatriz Augusta Teixeira, Julio Jorge Teixeira, Joana Nunes Teixeira, Maria da Conceição Teixeira da Cunha, Antonio de Abreu Freire e Ignacio Marques da Cunha, julgam ter agradecido ás pessoas que se dignaram visitar seu saudoso marido, pae, irmão e cunhado, Francisco Manuel Teixeira, durante a sua longa enfermidade, e acompanharam depois o seu cadaver á sua ultima morada; se por involuntario esquecimento alguma falta houve porém, disso pédem desculpa e a todos agradecem penhoradissimos.

Aveiro, 27 de Maio de 1914.

O SAL

Tem estado em Aveiro ao preço de 32$00 o vagon.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

CORRESPONDENCIAS

Castélo de Paiva, 20

(Retardada)

O sertanejo coucelho, a um canto do distrito, que sempre tem estado ás ordens de um cacique qualquer depois da implantação da Republica causa nojo pela politica que nele se está fazendo.

=Numa correspondencia inserta na *Gasêta de Arouca*, diz-se que se tratava de alugar uma casa no sitio da Vinha, freguezia de Fornos, pertencente ao sr. Bernardo Rodrigues Gomes, para a escola do sexo masculino, mas que a casa não está nas condições exigidas na lei, etc., etc.

Não podemos deixar de notar ao sabio correspondente que, ou se enganou ou muito de proposito faltou á verdade!

A casa de que se trata está nas melhores condições possiveis, a não ser que seja edificada uma propria para a importante escola. Mas disso duvidamos porque sabemos muito bem na terra em que vivêmos.

Os nossos sentimentos ao digno professor, pelo desgosto que deve ter por não encontrar uma casa nas verdadeiras condições para o seu mister.

E já que falamos de escolas: quando será, posta de novo a concurso a escola do sexo feminino, para a qual já ha, segundo consta, concorrentes?

Quando será que o *sertanejo* será convenientemente administrado?

Temos, ou não, autoridades superiores para fazer cumprir a lei?

Tenham cuidado, seus mandões de uma figa. A continuar assim a Republica... periga!

C.

Pinheiro de São João de Loure, 20

(Retardada)

No ultimo dia 14 morreu afogado neste logar um rapaz de 14 anos, creado de Joaquim Ribeiro de Matos e filho do sr. Manuel de Bastos Craveiro, daqui. A morte do infeliz moço deixou o mais profundo desgosto em todas as pessoas deste logar, devido ás boas qualidades que o desventurado possuia.

Seus paes e patrões agradecem a todas as pessoas que tomaram parte na sua dôr e o acompanharam á sua ultima morada o que têve logar no dia 15.

=Realizou-se ontem, dia 19, na repartição do registo civil de Albergaria o enlace do sr. Manuel Henriques da Silva, com a sr.ª Ana Rodrigues das Neves, filha do sr. Manuel Rodrigues da Silva.

Aos noivos uma feliz lua de mel.

=Perguntâmos á junta de paroquia civil desta freguezia de São João de Loure porque motivo se recusa de pôr a concurso os logares de escrivão e tesoureiro da dita junta.

Parece-nos que é tempo e mais que tempo de prover esses logares.

C.

Anadia, 25 de Maio

Precedendo o devido convite, pela comissão cessante, teve ontem logar, no nosso *Centro Democratico*, uma reunião, a fim de ser reconstituida a Comissão Municipal Politica do partido.

Foram trocadas várias impressões, sendo depois eleita, por aclamação, a lista seguinte:

Efectivos

Dr. Eugenio Sampaio Duarte, medico; José de Almeida, negociante; José Nunes Cordeiro, professor; Manuel Ferreira Alves, capitalista e dr. Afonso Joaquim Rodrigues, oficial do Registo Civil.

Substitutos

Cipriano Simões Alegre, solicitador; Manuel Martins Rodrigues, professor; Joaquim Batista de Paiva, proprietario; Antonio Francisco Castelão, professor e Abilio Henriques Quintas, proprietario.

C.

Pinhão, Oliveira de Azemeis, 25

Queixou-se-me o sr. Joaquim da Costa Santos, morador neste logar, que em 21 do corrente, indo para S. João da Madeira, e ao atravessar uns matos de Pindelo lhe saira de surpreza um individuo de nome José Corrêa Godinho, residente na séde da freguezia do mesmo nome, para o agredir, tendo o queixoso de se escapar atendendo a que levava comsigo cincoenta escudos e tambem porque receiou que estivéssem escondidos maís alguns individuos no mesmo sitio, que é um pouco desabitado, para ajudarem á agressão.

=Tambem assaltaram uma quinta do sr. Francisco S. Pinheiro e cortaram-lhe uma grande quantidade de eucaliptos. Tudo isto são vinganças selvagens e talvez de individuos que andam pelos templos a bater no peito.

C.